

LA MUERTE DE ARTURO DE THOMAS MALORY E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA PROSA DO SÉCULO XVI

Tânia Regina Zimmerman*
Márcia Maria de Medeiros**

Resumo: Esse artigo analisa a condição feminina representada na obra *La muerte de Arturo* de Thomas Malory. O texto de Malory recria o ambiente do romance de cavalaria em um momento histórico no qual o fenômeno da cavalaria já havia visto seu ocaso. Nesse ambiente do romance emerge Igraine, personagem destacada não apenas pela geriatría na continuidade da linhagem nobre masculina, mas pelas sensibilidades de sua condição enquanto ser mulher no contexto do romance.

Palavras-chave: Condição feminina, prosa, literatura medieval.

DEATH OF ARTHUR BY THOMAS MALORY AND THE GENDER REPRESENTATIONS IN THE PROSE OF THE SIXTEENTH CENTURY

Abstract: This article analyses the female condition represented at the XVI century's prose in Thomas Malory's book *La muerte de Arturo*. Malory's text recreates the romance of chivalry atmosphere in a historical moment where the chivalry was seen her falldown. In this atmosphere appear Igraine, outstanding character not only by geriatric at the continuity of male noble lineage, but by sensibilities and susceptibilities of her condition like to be woman at romance context.

Keywords: Womanhood, prose, medieval literature.

Quando Thomas Malory abre as cortinas que irão desvelar ao leitor ou leitora o universo do mundo arturiano segundo a sua releitura¹, imediatamente se é brindado com a origem do rei Artur sendo que o autor, no Livro I Capítulo I de seu romance, revela que irá tratar primeiro de como Uther Pendragon enviou reclamações ao duque de Tintagel e a sua esposa Igraine, por sua súbita partida.

Malory já demonstra logo de início nesta obra que o mundo da corte de Uther era eivado por desejos que nem o próprio rei conseguia controlar: Uther se sentira atraído pela bela Igraine, mulher de seu vassalo², a qual era tida por uma dama muito bonita e ao mesmo tempo muito discreta, além de ser fidelíssima ao seu senhor, pois não cedeu a vontade de Uther.

A figura de Igraine é de importância cabal para o contexto desta análise, pois ela será a responsável por gerar Artur. Igraine foi a escolhida para gerar aquele que seria o senhor da Távola Redonda porque se enquadra de forma no que a sociedade medieval e mesmo moderna (Malory escreve seu texto em fins do século XV) exigia de uma mulher de nobre estirpe. Para tanto, basta observar os adjetivos que acompanham a descrição que Malory faz dessa dama: *bonita, discreta, boa mulher*. Perfeita para o universo masculino e

patriarcal do qual era oriunda e cujas normas que organizavam a representação da imagem feminina eram ditadas pelos membros do clero. Assim, o clero e a bíblia tornam-se fontes de autoridade sobre como o relacionamento entre homens e mulheres deveria ser compreendido e qualquer diferença alegada entre mulheres e homens era justificada primordialmente através da referencia a estas fontes (NICHOLSON, 2002, p. 21).

Sobre o assunto Jacques Dalarun, no texto *Olhares de clérigos*, ressalta que:

Uma vez mais, há que partir dos homens, daqueles que, nesta idade feudal, detêm o monopólio do saber e da escrita, os clérigos: e muito particularmente dos mais letrados entre eles, os mais influentes, os mais prolixos. Monges ou prelados seculares, têm a obrigação de pensar a humanidade, a sociedade e a Igreja, de as orientar no plano da salvação e de atribuir também às mulheres o seu lugar nesta divina economia (DALARUN, 1990, p. 34).

Há que se salientar que esses homens de Deus, responsáveis pelos ditames em relação ao universo feminino estavam longe das mulheres, resguardados delas em seu universo masculino que compreendia os claustros, ou os lugares onde os copistas se debruçavam sobre velhos alfarrábios, ou mesmo as escolas e faculdades de teologia. Esses homens eram separados das mulheres, sobre as quais tinham de escrever, pelo celibato de forma que nada mais lhes resta senão figurar sobre aquilo que não conhecem, sobre aquilo que não sabem e sobre aquilo que não entendem: as mulheres.

Daí o fato de os clérigos olharem para as mulheres com uma estranheza inerente ao seu discurso e mesmo com medo. Visto por esse prisma, não surpreende que o pensamento clerical em relação à mulher nesse período, seja prenhe de um sentimento de misoginia. Nesse contexto, também fica notória a sensação de que não se fala ou escreve sobre uma mulher de carne e osso, sobre um ser humano, mas sim sobre um objeto, um ser “coisificado” que fica a sombra do processo histórico: a figura de Igraine não escapa desse estigma.

A dama se nega a atender aos desejos de Uther porque tal ato colocaria seu marido em situação vexatória: a desonra³ dela caso aceitasse a proposta do rei, seria a desonra dele, traria nódoas sobre o emérito cavaleiro e nobre que era o seu marido. E ela prefere não denunciar ou buscar uma reparação ao ato que Uther havia cometido, e sua queixa em relação ao fato é singela:

Creo que nos han mandado venir para deshonrarme; por tanto, esposo, os aconsejo que partamos de aqui súbitamente, que podamos cabalgar toda la noche hasta nuestro castillo (MALORY, 2005, p. 37).

A fala de Igraine demonstra com clareza o que Georges Duby na obra

Idade Média, Idade dos Homens ressalta como sendo de cabal importância em relação à figura feminina no período: a moça, o que se procura exaltar e proteger através de uma série de interditos é a virgindade. No caso de Igraine, uma mulher casada, o mais importante é que ela se mantenha fiel: o que ser observado aqui diz respeito ao fato de que em não havendo vigilância comportava-se o risco de introduzir em meio ao grupo que constituía a parentela o filho espúrio, nascido de outro sangue (DUBY, 1990).

Igraine *crê* que possam ter sido chamados para desonrá-la e mediante esse fato, ao seu marido então *sugere* que partam sem alarde. Nessa fala, Igraine demonstra o seu papel no contexto social onde está inserida: não se dá grande importância às suas lágrimas ou desmandos, afinal ela é uma mulher. Por isso apenas aconselha a partida embora saiba está sendo submetida a um assédio que não lhe agrada. Mas não pede a ninguém (nem ao marido) que exija retratação, apenas que partam dali, da forma mais discreta possível. E é o que eles fazem. Neste contexto a ação de Igraine é indireta: ela não ordena ao marido que eles partam, porque uma mulher não tem poder de comando nesse contexto, mas ela sugere que eles partam insinuando que a desonra dela, seria a desonra dele e da sua linhagem, por isso ele concorda em partir.

A partida as escondidas quebrou a regra da hospitalidade, tão marcante nos romances de cavalaria, e Uther exige que seu súdito se apresente novamente ao seu castelo, acompanhado de sua esposa, mas o duque de Tintagel se nega a tal ato. Então, Uther se enfureceu ao extremo e intimidou o duque a ataviar-se e preparar-se para a guerra. Quando ele recebeu essa mensagem abasteceu e guarneceu seus dois castelos Tintagel e Terrabil, colocando sua esposa Igraine em segurança no primeiro, e permanecendo ele próprio no segundo.

Não demorou muito para que Uther cercasse o castelo de Terrabil e que a batalha que adveio desse cerco trouxesse muitos mortos para ambas as partes. Entretanto, a situação não se resolveu tão rápido quanto Uther pretendia e ele caiu doente por duas razões: raiva diante de sua impotência em vencer seu inimigo e amor pela bela Igraine. É nesse momento do texto de Malory que o mago Merlin fará a sua primeira aparição.

A figura imponente de Merlin⁴ na trama arturiana dispensa maiores comentários: basta saber que ele é quem realmente conduz a história, pois não fosse por sua ação, o próprio nascimento do rei Artur estaria comprometido. Sua interferência é que quebrou o *fatum*⁵, e sempre que aparece no enredo da história o faz de forma providencial, como se percebe da citação abaixo transcrita:

Partió Ulfius, encontró por ventura a Merlín con atavio de mendigo, y le preguntó Merlín a quién buscaba. Y Ulfius dijo que no tenia por qué decirle nada.

- Yo sé a quién busca – dijo Merlín -, buscas a Merlín; por ende no busque más, pues soy yo, y si el rey Uther se aviene

compensarme bien, y jura cumplir mi deseo, será más para honra y beneficio suyo que mio, pues haré que tenga todo su deseo (MALORY, 2005, p. 38).

E foi assim que, na versão de Thomas Malory, a mimética figura de Merlim adentrou a história para fazer com que Uther tivesse a sua noite de amor com Igraine. Quando se apresenta diante do rei Uther, Merlim é pontual em dizer que sabe muito bem o que se passa no coração do rei, pois, segundo ele, conhece cada parte desse coração. E faz com que Uther jure sobre os 4 Evangelhos⁶, como rei ungido que era (portanto sagrado) cumprir a vontade de Merlim para que o mago possa satisfazer a sua. Esse fato demonstra que Uther estava tão cheio de lascívia que nem mesmo quis saber o que Merlim queria: isso só ocorreu depois do juramento. De certa forma, aqui se configura a questão do pacto, tema tão caro a literatura universal em que o incauto se perde por fazer um juramento sem saber de que maneira seu objeto de desejo será alcançado (muitas vezes a duras penas e com imensos sacrifícios daquele que deseja, de forma que ao final cabe perguntar se de fato o objeto de desejo era assim tão valioso mediante os sacrifícios que exigiu), nem por que meios ele será alcançado.

Mas, uma vez estabelecido o acordo não há mais como voltar atrás e Merlim deixa o coração de Uther mais aliviado ao dizer que:

Pues aprestad - dijo Merlín -. Esta noche yaceréis con Igraine en el Castillo de Tintagel, y tendréis la apariencia del duque su marido; Ulfius, la de sir Brastias, uno de los caballeros del duque; y yo, la de un caballero llamado sir Jordans, outro caballero del duque. Pero cuidad de no hacer muchas preguntas a ella ni a sus hombres, sino decid que estáis cansado, y apresuaros a meteros en la cama, y no os levantéis por la mañana hasta que yo vaya a vos, pues el Castillo de Tintagel está a sólo diez millas de aquí (MALORY, 2005, p. 39).

A fala do mago Merlim aponta para uma perspectiva interessante. Ele deixa claro ao rei Uther que não fale muito e não se exponha: isso porque ele pode fazer com que Uther se *pareça* com o marido de Igraine, mas não pode fazer com que Uther *seja* o marido de Igraine. Ou dito de outra forma, Merlim pode fazer com que Uther se pareça com o outro, mas não seja o outro. Isso demonstra que o mago com sua profunda sapiência sabia das limitações de seus poderes e que no universo do medievo onde tudo deveria ser concedido a todos pela graça divina, Deus havia lhe concedido um imenso dom: Merlim é um profeta, um mimetizador, um sábio. Mas ele não pode alterar a natureza e seus elementos a seu bem-pleazer. O que ele faz tem a anuência de uma força maior.

Merlim, Uther e Ulfius saem do cerco que estava sendo promovido ao

castelo de Terrabil para dar início ao plano do mago. O duque de Tintagel, ao perceber a movimentação de Uther, sai do castelo para atacar o inimigo, mas acaba morto em combate. O plano segue normalmente: Uther tem sua noite de amor com Igraine (na qual Arthur é gerado) e retorna ao seu cerco pela manhã, depois que Merlim o chama. Nesse meio tempo, Igraine sabe da notícia da morte de seu marido e fica se perguntando quem então seria o homem que veio até ela com a forma do duque de Tintagel. No segredo do espaço privado que era sua alcova, Igraine chorou. Imediatamente os demais senhores da terra (todos homens) propuseram a Uther a paz entre eles e sua senhora Igraine. Uther concordou sem mais delongas, pois isso lhe interessava. Foi assim que, na versão de Malory, Uther e Igraine se casaram *“a toda pris a una manãna con gran alegría y júbilo”* (MALORY, 2005, p. 40).

Aqui cabe uma pausa e um questionamento: alegria e júbilo de quem? Certamente não de Igraine que chorou as escondidas pelo fato de ter sido enganada. Alegria e júbilo dos homens que assistiram ao final da guerra sangrenta que ceifava vidas e que nem perguntaram a viúva se era seu desejo se casar novamente. Alegria e júbilo de Uther, que conseguiu o que queria, ou seja, a bela Igraine, e que conseguiu mais: agora ele entraria de posse das coisas que pertenciam a ela.

Georges Duby, no texto *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*, explica essa questão: no universo cavalaria, as filhas de grandes senhores feudais, de grandes duques, barões ou príncipes só conseguiam um bom casamento mediante um bom dote. Dessa forma, o cavaleiro em si, ao contrair o matrimônio com uma dessas jovens entra em posse dos bens materiais que ela possui por herança familiar. Em geral, esses bens constituem-se em grandes quantidades de terras, bem de maior valor em uma época de produção econômica eminentemente agrícola.

É assim que o autor supracitado analisa a questão:

Com efeito, à esposa, que também ouve, Guilherme, o Velho, nada lega. Nem poderia legar. Pois tudo o que ele possuía, ou quase, e de que agora se despoja, pertence a essa mulher, veio dos ancestrais da mulher, e ele só teve em nome dela, 'por sua autoridade'. E esses bens enormes o filho mais velho também os terá em mãos, até a morte dela, na mera qualidade de herdeiro legítimo (DUBY, 1988, p. 140).

De acordo com Georges Duby, na obra *Idade Média, Idade dos Homens* os homens, principalmente o dito *pater familias* eram os responsáveis pelo destino familiar. Assim eles consideravam como um de seus direitos casar os jovens e, de preferência, conseguindo boas alianças de casamento: de um lado eles cediam as moças, negociando com o seu poder de procriação e com as vantagens que seu nome de linhagem podia ceder a futura prole, por outro lado ajudavam os rapazes a encontrar um bom partido (DUBY, 1990).

Nessa política de casamento, se buscava a esposa em outras casas, de onde ela saía da subordinação às ordens do pai ou do irmão mais velho, ou mesmo dos tios, para ser submetida às ordens de seu marido. E a situação dessa mulher, segundo a análise de Georges Duby em obra supracitada não melhorava, conforme se aúfere da citação abaixo transcrita:

ainda que condenada a ser sempre uma estrangeira, um pouco suspeita de traição furtiva nesse leito em que ela penetrou, onde ela vai preencher a sua função primordial: dar filhos ao grupo de homens que a acolhe, que a domina e que a vigia (DUBY, 1990, p. 15).

Diante do exposto, percebe-se que a “aquisição” de Igraine significava para Uther um duplo proveito: de seu desejo enquanto homem, e que por sinal não levava em conta o desejo dela enquanto mulher; e a entrada na posse dos bens que pertenciam a ela pela questão de seu dote. Daí se explica o júbilo e o contentamento da manhã do casamento, sentimentos que poderiam ser atribuídos aos homens que assistiam à cerimônia, mas que parcimoniosamente podem ser atribuídos a Igraine.

Depois do casamento e na medida em que o tempo passava, a gravidez de Igraine se tornava cada vez mais evidente, até que chegou o dia em que não podia mais ser escondida. Uther então perguntou a ela de quem era o filho que esperava: o rei só lhe pediu que dissesse a verdade, de modo que Igraine contou-lhe o acontecido no fatídico dia em que seu marido morrera ao que Uther respondeu que ele havia tomado a forma do duque de Tintagel, graças à ação do mago Merlim. Assim, desvendou-se um mistério para a rainha (mas não para o leitor ou leitora do texto de Malory) e seu filho passou a não ser mais um bastardo, fato que alegrou a Igraine: *“la reina tuvo gran gozo al saber quién era el padre de su hijo”* (MALORY, 2005, p. 41).

Há que se ressaltar aqui duas questões importantes: primeiramente, Malory deixa a rainha em suspense. Igraine era a única a não saber sobre a ação mágica a partir da qual seu filho foi gerado. Uther e seu companheiro Ulfius sabiam do fato, Merlim havia sido o seu mentor. O leitor ou leitora de Malory acompanha a trama: somente a rainha não sabia de nada. Pode-se bem acompanhar o sentimento de angústia que emergia dessa mulher por carregar em seu ventre um filho que ela considerava bastardo. Isso poderia acarretar drásticas conseqüências em sua vida, como por exemplo, o repúdio por parte do marido. A segunda questão é inerente a primeira: ao saber quem é o pai de seu filho, Igraine se alivia. Não se deve pensar que isso tenha significado que ela se tornou uma mulher feliz, ela apenas tirou de suas costas um peso relacionado à continuidade de uma linhagem da qual ela era matriarca.

Algum tempo depois Merlim aparece para cobrar a sua promessa e dizer a Uther que ele deve se preocupar com a criação de seu filho:

Bien - dijo Merlin -, pues sé de un señor vuestro en esta tierra que es hombre muy verdadero y fiel; él se encargará de la crianza de vuestro hijo; se llama sir Héctor, y es señor de grandes posesiones en muchas partes de Inglaterra y Gales; mandad llamar, pues, a este señor, sir Héctor, para que venga a hablar con vos, y pedidle, por el amor que os tiene, que dé a criar su próprio hijo a outra mujer, y que su mujer crie al vuestro. Y cuando el nino nazca, mandad que me sea entregado en aquella poterna secreta sin bautizar (MALORY, 2005, p. 41).

Aqui Igraine desaparece da história, conforme Malory a concebeu. Nesse universo de amor masculino e de pedidos de um senhor ao seu vassalo, nesse mundo de amor entre iguais, não há espaço para que essa mãe lamente o filho que lhe foi retirado ainda pagão dos braços. Há que se considerar também, que a mulher de sir Héctor sequer é mencionada nominalmente: não se sabe como ou que tipo de sentimentos ela teve quando seu marido entregou o filho para ser criado por outrem por amor ao seu rei, nem o que sentiu quando teve de alimentar o filho do rei em seu seio.

Desse processo também se aúfere que o sentimento do pai em relação a sua prole não tinha grande eflúvio: sir Héctor não questionou o rei sobre o que este lhe pedia, apenas cumpriu o desejo de Uther pelo que foi muito bem recompensado⁷. Assim, quando Igraine deu à luz a Artur, Merlim levou o menino para sir Héctor, que mandou que um homem santo o batizasse com o nome que se tornaria lendário. Após o parto, a personagem feminina desaparece e então Malory conta as peripécias do então rei Artur e seu séquito de cavaleiros. Convém ressaltar que o autor apenas recompilou textos da Idade Média Central e os reescreveu. Ele seguiu o fio condutor de histórias que tinham pelo menos 300 anos quando ele fez a sua obra. Dessa forma, acredita-se que a visão androcêntrica não é só do autor: ela faz parte de um contexto maior cujos alvares estão no discurso construído em torno das mulheres na Idade Média e que teve como patrocinador principal a igreja. Em seu texto Malory abre espaço para dar voz a uma mulher em meio a uma sociedade masculina: Igraine resiste às tentativas de sedução de Uther, se coloca em uma posição firme contra elas, salvaguardando dessa forma a sua linhagem. Ela demonstra exercer certo controle sobre o seu marido, fazendo com que ele concorde com a sua partida, mesmo quebrando a hospitalidade do seu senhor, porque ele percebe que com seu ato ela está protegendo a honra dele. Dessa forma se pode dizer que ela criou mecanismos de ação que lhe permitiam ter um determinado controle sobre os homens que estavam ao seu redor, possibilitando dessa forma que ela exercesse uma sutil forma de poder.

É assim que Malory constrói uma personagem feminina que aparece com resistência a um possível romance fora do casamento, mas que por forças de um mago concebe Artur, posteriormente sagrado rei. A partir das linhas traçadas por este artigo pode-se perceber que o arquétipo misógino que

acompanhou a mulher na patriarcal sociedade que compôs a idade média, ainda marcava com seus ditames a maneira de sentir e de pensar em relação a elas no século XVI, quando já se observava os alvares de um novo contexto que encaminharia a humanidade para a idade moderna.

A partir desse prisma, talvez seja coerente dizer, junto com Jacques Le Goff, que a idade média se manteve presente mesmo depois que o ciclo cronológico marcava seu fim: a historiografia tradicional indica o final da idade média como sendo o ano de 1453, com a queda de Constantinopla, embora alguns outros historiadores datem o mesmo processo como sendo 1492, com a descoberta da América, ou mesmo 1517, com a Reforma Protestante. Jacques Le Goff no livro *Uma longa Idade Média*, defende que o final da Idade Média se deu realmente com o advento da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, seguindo assim uma escola de historiadores que defende a idéia de que idade moderna teria sido apenas uma longa fase de transição, na qual os hábitos e costumes da nobreza feudal foram apenas travestidos, mas se mantiveram. O texto literário de Malory, escrito no século XVI comprova que, pelo menos em relação às mulheres e a sua situação social esse fenômeno indicado pelo historiador francês é um fato inquestionável (LE GOFF, 2008).

Notas

* Doutora em História Cultural. Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: taniazimmermann@gmail.com.

** Doutora em Letras. Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: yseuth@hotmail.com.

¹ Segundo Carlos García Gual, no prefácio da edição de *La muerte de Arturo*, lançada pela Editora Siruela, de Madri, Malory fez uma releitura de vários romances de cavalaria, entre eles os do ciclo arturiano, os quais foram reunidos nesse texto que foi lançado por William Caxton pelo menos 14 anos após a morte do autor.

² A figura do vassalo é característica do mundo medieval e se insere em um contexto em que um nobre recebe de outro nobre algum dom (em geral terra, mas não necessariamente somente a terra), e a partir daí estabelece-se entre eles um vínculo *ad aeternum*. Somente nobres podem ser vassallos de outros nobres, esse tipo de relação social estabelecida entre os homens da nobreza é analisada por Hilário Franco Júnior na obra *Idade Média: o nascimento do Ocidente*.

³ É importante observar que a mulher ocupa um papel central na instituição que se chama casamento: ela é responsável por dar filhos ao grupo de homens que a acolhe e que se constituem em sua nova família para a guarda da qual ela passa a partir do momento em que se casa. Dessa forma, ceder aos desejos do rei seria desonrar a família do marido, da qual ela fazia parte e onde era vigiada para proteger vantagens que ela poderia legar a sua prole.

⁴ Sobre o Merlim ver: MEDEIROS, Márcia Maria de. **A construção da figura religiosa no romance de cavalaria**. Londrina, UEL, tese de doutorado, 2006, 160 p; e MEDEIROS, Márcia Maria de. O Merlim: a cristianização da cultura pagã através da literatura. **Revista Ideação**, Cascavel, v. 7, n. 7, 2005.

⁵ Na literatura clássica greco-latina, o *fatum* está ligado ao destino, o qual não pode ser alterado ou transformado. No caso da literatura medieval, embora se perceba a herança do *fatum* em suas entrelinhas, percebe-se em vários momentos ações inerentes a questão do livre-arbítrio, ou seja, das escolhas feitas pelos seres humanos em relação ao seu destino. De acordo com essas escolhas as coisas podem seguir um caminho ou outro. Essa lógica de estruturação do pensamento já é uma marca do cristianismo no processo de constituição de uma cultura.

⁶ A questão do juramento é de suma importância no contexto do pensamento medieval: o juramento feito não pode ser quebrado sob risco de a alma imortal daquele que o fez ir diretamente para o inferno. No caso específico dessa cena, o processo tem um peso ainda maior, uma vez que o juramento foi feito sobre os 4 Evangelhos, os quais assumem aqui a condição de relíquia sagrada.

⁷ Sobre o assunto ver: ARIÈS, Phillipe. **História social da família e da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

Referências

ARIÈS, Phillipe. **História social da família e da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das mulheres**. Porto: Edições Afrontamento, 1990. v. II.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

JUNIOR, Hilário Franco. **Idade Média: o nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LE GOFF, J. **Uma longa idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MALORY, Thomas. **La muerte de Arturo**. Madrid: Editora Siruela, 2005.

MEDEIROS, Márcia Maria de. **A construção da figura religiosa no romance de cavalaria**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Londrina.

MEDEIROS, Márcia Maria de. O Merlim: a cristianização da cultura pagã através da literatura. **Revista Ideação**, v. 7, n. 7, 2005.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, 2000.

Recebido em: fevereiro de 2011.

Aprovado em: abril de 2011.